

"Uma mulher é espancada": a violência doméstica contra a mulher a luz da psicanálise

À woman is beaten ": domestic violence against women through psychoanalysis

Cássio Eduardo Soares Miranda, Juliana Souza Ramos

Resumo

Este trabalho lança foco sobre o tema da violência doméstica contra a mulher, sob o prisma da teoria psicanalítica, ao ter-se conhecimento da amplitude social do fenômeno e que tem seus desdobramentos na clínica. O objetivo do estudo é investigar os aspectos subjetivos envolvidos em uma parceria amorosa em que a mulher é agredida por seu parceiro sexual. O artigo consta de uma revisão bibliográfica, da qual se utiliza das contribuições teóricas de Freud e Lacan em torno do amor, examinando-se, ao fim, o estatuto do gozo como fundamento de uma parceira sintomática. A título de ilustração, apresenta-se um caso clínico que evidencia a posição masoquista feminina enquanto uma máscara para capturar o desejo masculino.

Palavras-chave

Parcerias amorosas; Violência doméstica contra a mulher; Masoquismo feminino.

Abstract

This work throws focus on the topic of domestic violence against women from the perspective of psychoanalytic theory, by being aware of the extent of social phenomenon and it has its consequences in the clinic. The aim of this study is to investigate the subjective aspects involved in a loving partner in a woman is beaten by her sexual partner. The article consists of a literature review which uses the theoretical contributions to Freud and Lacan around love, examining, at the end, the status of enjoyment as justifying a symptomatic partner. By way of illustration, it presents a case study that shows the position as a female masochist mask to capture the male desire.

Keywords

Partnerships for love; Domestic violence against women; Female masochism.

Cássio Eduardo Soares Miranda

Universidade Federal do Piauí

Pós-doutor em Análise do Discurso pela UFMG, Doutor em Psicologia pela UFRJ, Doutor em Letras pela UFMG, Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG, Psicanalista

cassio.edu2007@gmail.com

Juliana Souza Ramos

Prefeitura Municipal de Mariana

Psicóloga, especialista em Psicologia Clínica pelo Unilestemg.

july_souz@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho elege como seu objeto de estudo a violência doméstica ao ter-se conhecimento da incidência notável de mulheres vítimas de agressão. De acordo com levantamento divulgado pelo Data Senado, em 2007, de cada 100 brasileiras, 15 já foram ou ainda estão sendo submetidas a algum tipo de violência doméstica (IBOPE/AVON, 2009). Além disso, segundo dados da Central de Atendimento à Mulher, órgão vinculado à Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR, 2013), os autores das agressões relatadas pelas mulheres atendidas em todo o Brasil são, em 81% dos casos, pessoas que têm ou tiveram vínculo afetivo com as vítimas. De certo modo, este trabalho possui alguma originalidade pelo fato de empreender uma pesquisa cuja análise psicológica do fenômeno – sob o constructo teórico da psicanálise – seja evidenciada em detrimento das análises sociológicas, de ampla divulgação. Entretanto, é oportuno destacar que diversos autores de orientação psicanalítica também já se debruçaram sob o tema, tais como Lima e Werlang (2011), Souza (2011) e Teixeira (2011).

Nesse ínterim, interpela-se: do ponto de vista psíquico, o que mantém uma mulher em uma parceria amorosa em que é vítima de violência doméstica? A partir desse questionamento, o estudo pretende engendrar uma investigação dos aspectos subjetivos envolvidos em uma parceria sintomática, na qual está posta a violência física e psicológica contra a mulher. Desse modo, o objetivo principal da pesquisa visa elucidar o laço amoroso com o parceiro sexual na relação heterossexual, em que a mulher é vítima de violência doméstica.

Em termos estruturais, o trabalho tem como ponto de partida a conceituação freudiana acerca do amor, lançando luz, principalmente, sobre os desfiladeiros da libido na busca de um parceiro amoroso. A seguir, evoca-se Lacan em suas contribuições teóricas sobre as parcerias amorosas, a partir das proposições: a mulher como objeto *a* do fantasma masculino; a mulher enquanto sintoma do homem; e, por fim, destaca-se a fórmula do parceiro-sintoma. Em última análise, aborda-se a violência doméstica contra a mulher, seja como um fenômeno universal, haja vista sua abrangência global como apontam as pesquisas sociológicas, seja como um fenômeno singular, na medida em que se expõe um fragmento de caso clínico. Trata-se de entendê-la, neste caso, como um sintoma que fundamenta o modo de gozo do casal.

O conceito de gozo, em psicanálise, é amplo e sofre variações. De início, Lacan assume uma concepção jurídica do termo ao sustentar que o gozo é sempre gozar de alguma coisa, ou seja, o sujeito possui alguma coisa da qual possa se apossar. Assim, o gozo é a realização da demanda do Outro: o gozo é o gozo do Outro. Além disso, há a conceituação baseada na idéia de que o gozo é uma espécie de satisfação pulsional. Segundo Leite (2000), no seminário 17 Lacan tenta evidenciar o caráter primário do gozo, sendo que o próprio sujeito surgiria da relação do significante com o gozo.

O que se intenciona neste trabalho, embora de forma não completa, é traçar algumas considerações sobre a experiência do amor e seus sabores, as quais se fazem presentes na prática clínica. Trata-se de adentrar no campo dos relacionamentos e esbarrar-se em um de seus muitos sintomas¹: a violência doméstica contra a mulher.

1

É oportuno destacar que o conceito de sintoma empregado neste artigo refere-se à concepção freudo-lacaniana enquanto uma formação do inconsciente.

2. O Amor em Freud: As vicissitudes da libido na escolha do objeto amoroso

Falar sobre o amor, por certo, é desígnio de muitos: poetas, compositores, dramaturgos, escritores, para citar alguns. Dotados de suposta e pretensa sensibilidade buscam promover uma identificação e provocar emoções naqueles que estejam em contato com a sua arte. Desses muitos, interessa aqui, a fala de um: Freud. Um discurso que se diferencia por atribuir ao amor uma lógica diferente das demais, por nela incluir o inconsciente, alçada, sobretudo, por meio de uma teoria baseada em sua prática clínica, pois o tratamento psicanalítico dava-o abertura em colher impressões sobre a maneira como os neuróticos se comportavam quando se tratava do amor. Assim, a partir das considerações freudianas, intenta-se traçar breves considerações sobre o movimento pulsional em que o sujeito se lança em busca de um parceiro amoroso, sabendo-se dos riscos de um recorte de um tema de tão ampla magnitude e profundidade.

Para as limiares interlocuções nos reportaremos ao texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” datado de 1914. Nele Freud (1996 [1914]) explica que o autoerotismo é o primeiro modo de satisfação da libido. Porém, em determinado momento os investimentos no próprio corpo não mais satisfazem o sujeito. Torna-se assim necessário investir em objetos externos. A libido, primeiramente, se encarrega de vincular-se aos objetos sexuais que desprendem cuidados e proteção à criança. No caso, a mãe ou quem quer que exerça esta função.

Portanto, em tenra fase do desenvolvimento, os investimentos libidinais se fundam com a satisfação das necessidades vitais, desempenhadas pela mãe. Assim, ela é eleita como o primeiro objeto de amor de uma menina e de um menino. Para este permanece o sendo. Já a menina muda de objeto e desloca seu amor para o pai, tal como explicado na teoria freudiana sobre o Complexo de Édipo². Acontece que frente à impossibilidade da realização dos desejos incestuosos as tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição, e em parte, dessexualizadas e substituídas por identificações.

A *posteriori*, em idade adulta, o sujeito se esforçará por encontrar objetos com quem possa ter experiências sexuais e afetivas, estabelecendo o chamado amor objetual. Freud (1996 [1914]) afirma que a escolha desses objetos será feita conforme dois modelos³: um narcísico, o outro, anaclítico ou de ligação. Neste, ama-se objetos externos que tenham como referência o par parental, numa tentativa de reviver as primeiras experiências de satisfação com o Outro primordial. Naquele busca-se adotar a si mesmo como modelo para a escolha do objeto de amor. De forma esquemática, resume-se:

Uma pessoa pode amar:

- (1) Em conformidade com o tipo narcisista:
 - (a) O que ela própria é (isto é, ela mesma),
 - (b) O que ela própria foi,
 - (c) O que ela própria gostaria de ser,
 - (d) Alguém que foi uma vez parte dela mesma.
- (2) Em conformidade com o tipo analítico (de ligação):
 - (a) A mulher que a alimenta,

2

O leitor interessado no assunto deveria ler o texto “A dissolução do complexo de Édipo” (1996 [1924]c).

3

Ressalta-se que um mesmo indivíduo esteja sujeito a fazer suas escolhas objetuais baseado nos dois modelos, embora, possa demonstrar preferência por um deles.

(b) O homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar (FREUD, 1996 [1914], p. 97).

O pai da psicanálise avança ao teorizar que o amor objetal do tipo anaclítico ou de ligação é característico dos homens, e o amor objetal narcisista próprio das mulheres. Sendo assim, o homem exibe uma acentuada supervalorização do objeto sexual a ponto dele desinvestir libidinalmente de seu eu em prol do objeto amoroso. Contrariamente, as mulheres desenvolvem um autocontentamento: amam a si mesmas com uma intensidade comparada ao amor de um homem por elas. Sua necessidade está em ser amada mais do que amar. Os homens que preencherem essa condição terão sua estima. Por outro lado, o narcisismo exacerbado das mulheres exerceria grande atração sobre os homens que renunciaram a uma parte de seu narcisismo em busca do amor objetal. Eis que a parceria se funde, numa clássica referência as uniões típicas entre as histéricas, que demandam amor a todo custo; e os obsessivos, sempre dispostos a “cobrirem a oferta” de amor.

Ainda, o autor (FREUD, 1996 [1933]) revela que quando a mulher é livre para escolher seu parceiro amoroso tende a fazê-lo conforme o ideal narcísico de homem que quisera tornar-se. Se porventura, no complexo de Édipo, a menina tiver permanecido vinculada ao pai, sua escolha dar-se-ia segundo o tipo paterno. Seu marido seria o herdeiro do pai. Isto asseguraria um casamento feliz por algum tempo.

Constata-se, pois, que o amor vem a ser um movimento narcisista do sujeito em direção ao objeto. Objeto que imaginariamente supõe que possa recuperar a integridade de seu eu. Aqui reside um dos postulados centrais da teoria da sexualidade freudiana: os investimentos libidinais em objetos surgem como uma tentativa de restaurar algo perdido. A busca deste reencontro é o que caracteriza os relacionamentos amorosos. Freud (1996 [1933]) aposta na impossibilidade disso. Neste ponto, se situa sua ruptura radical com os ideais do amor romântico, cuja busca da “cara-metade” apresenta-se como o meio para fins de uma relação amorosa que seja totalizante, feliz e eterna.

Na contramão, Freud insiste na incompletude. Em sua articulação teórica intitulada “Contribuições à psicologia do amor” enaltece o amor como falho e descreve uma dissimetria entre ele e a sensualidade, visto que se pode amar um objeto e ter prazer em gozar sexualmente com outro.

Em um de seus artigos, Freud (1996 [1910]) descreve quatro condições particulares de escolhas objetais feitas pelos homens. A primeira delas diz respeito ao fato dos homens escolherem como seu objeto de amor mulheres que tenham alguma ligação afetiva com outro homem – “a terceira pessoa prejudicada na história”, a quem ele dirige impulsos de hostilidade e rivalidade. Uma segunda faz referência à idéia de atração por mulheres de má reputação, cuja fidelidade e honradez sejam duvidosas, grosso modo, uma espécie de “amor à prostituta”. Nesse tipo de relação está em jogo o ciúme: tanto a mulher adquire pleno valor quanto a paixão atinge seu apogeu quando o homem pode sentir essa emoção. Essas duas condições exprimem uma tendência à depreciação universal do amor.

Uma terceira condição possível é a escolha de mulheres sexualmente íntegras. Freud descreve algumas características do comportamento do amante em relação a esse objeto: estas mulheres são consideradas pelo homem como objetos amorosos do mais alto valor a ponto de exigir dele muito dispêndio de energia psíquica, o que o leva a abdicar-se de outros interesses. Este objeto é sentido como o único a quem é possível amar, numa exigência de fidelidade incessante e repetitiva, realizada pelo amante sobre si próprio. Freud adverte que:

Os relacionamentos apaixonados deste tipo repetem-se com as mesmas peculiaridades – cada qual uma réplica exata dos outros – sempre e sempre, nas vidas do homem deste tipo; (...) os objetos amorosos substituem uns aos outros, freqüentemente, de modo que se forma “uma extensa série dos mesmos”(FREUD, 1996 [1910], p.173).

Nessa experiência de amor “normal” evidencia-se o amor conquanto uma repetição: substituem-se objetos que façam semblante ao objeto perdido. Uma última condição de amar se sustenta na fantasia do homem de salvar a mulher amada, ainda que nenhum elemento da realidade dê provas da necessidade de tal feito. Acredita que sem ele a mulher perderá seu controle moral e será rebaixada socialmente.

O psicanalista de Viena demonstra que todas as condições para amar supracitadas, embora apresentem comportamentos amorosos notavelmente diferenciados, têm um denominador em comum que jaz a constelação psíquica relacionada à mãe⁴. Em término, o objeto amoroso dos homens são objetos necessariamente substitutos a mãe. Como estes nunca proporcionam a satisfação desejada dar-se vazão a infundável busca pelo objeto perdido.

Alhures, Freud elabora a proposição referente a duas correntes libidinais: uma afetiva e outra sensual. Explica que em condições normais do comportamento amoroso, um homem irá dirigir a sua mulher tanto à afeição que se ligava aos seus objetos infantis quanto a sua paixão sensual. Entretanto, esse processo de combinação das duas correntes é suscetível a falhar: os investimentos libidinais sexuais pela mãe tornam-se fixos em fantasias incestuosas inconscientes. Como defesa diante do retorno deste material recalado, o sujeito busca objetos que não precise amar, com o propósito de manter a sensualidade afastada dos objetos que ama: “Toda a esfera do amor, nessas pessoas, permanece dividida em duas direções personificadas na arte do amar, tanto sagrada quanto profana. Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar” (FREUD, 1996 [1912], p. 188).

Essa divisão explica o fato de alguns homens devotarem profundo respeito pelas esposas e impor restrições à prática sexual do casal; ao passo que obtêm sua máxima potência sexual com objetos depreciados, tais como as prostitutas. Tal comportamento demonstra ser a principal forma de se proteger contra esta perturbação: de um lado, deprecia-se o objeto sexual; de outro, o objeto incestuoso é supervalorizado. O sujeito precisa depreciar o objeto para que sua sensualidade possa se manifestar livremente, suas capacidades sexuais sejam desenvolvidas e ele obtenha prazer sexual. Afora isso, pode ele somente amar aquela que idealiza e não se relacionar sexualmente.

A esta falha em combinar amor e sensualidade, Freud convencionou chamar de “impotência psíquica” (1996 [1912]). Circunscreve esse fenômeno não a alguns indivíduos, mas admite sê-lo uma condição universal, cuja extensão desse comportamento em alguma medida caracteriza o amor do homem civilizado.

Diante do exposto, explicita-se a máxima freudiana (1996 [1912]): é impossível reencontrar no amor um objeto que complete, cujo amor e o erotismo estejam fundidos, tal como nas primeiras experiências de satisfação. A renúncia ao primeiro objeto de amor se constitui como uma experiência frustrante. A escolha de novos objetos a modelo dos objetos infantis também o será. Freud revela:

O prejuízo causado pela frustração inicial do prazer sexual se evidencia no fato de que a liberdade mais tarde concedida a esse prazer, no casamento,

4

O leitor interessado em obter explicações pormenores sobre como a fixação no completo materno está presente e transfigurada em cada uma das quatro condições de amar deverá recorrer ao texto “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I), vol. XI, das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 174-180”.

não proporcione satisfação completa. Mas, ao mesmo tempo, se não se limita à liberdade sexual desde o início, o resultado não é melhor. Pode-se verificar, facilmente, que o valor psíquico das necessidades eróticas se reduz, tão logo se tornem fáceis suas satisfações. Para intensificar a libido, se requer um obstáculo; e onde às resistências naturais não forem suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais, a fim de poder gozar do amor (FREUD, 1996 [1912], p. 193)

Nesta transcrição o autor admite que o valor psíquico das necessidades eróticas tende a diminuir caso as satisfações sejam facilitadas, visto que o prazer sexual está intimamente relacionado a uma proibição. Portanto, reafirma-se a proposição: para um objeto ser amado deve haver restrições a sua sexualidade.

Por tudo já dito, é forçoso concluir que o amor freudiano trata-se de movimento e de investimento libidinal em objetos que sejam sub-rogados do par parental. Busca, assim, o sujeito nos encontros amorosos um reencontro com o objeto perdido. Freud aponta para o fracasso insuprível disso. Não há nenhuma “cara-metade” que complete inteiramente. Insatisfações inúmeras tecem os enredos amorosos. Apontam-nas para a falta. Sobre isso Lacan terá algo a dizer.

2.1 As parcerias amorosas na perspectiva lacaniana

Em Lacan, o estatuto do objeto amoroso freudiano conquanto incompleto se reafirma tanto quanto a idéia de ser impossível o reencontro com o objeto perdido. No seminário 11, ele retoma o mito de Aristófanes, qual brevemente seja: havia na Grécia Antiga espécies humanas do tipo andrógono, metade homem, metade mulher. Ao voltar-se contra os deuses, Zeus determinou que eles fossem divididos ao meio. Mutilados, cada um peregrinava em busca de sua outra metade a fim de se enlaçar. Platão (2003, p. 22)em *O banquete*, diz: “E desde há tanto tempo que o amor de um pelo outro está implantado nos homens, restaurador de nossa antiga natureza, em sua tentativa de fazer um só de dois e de curar a natureza humana”.

Uma releitura lacaniana deste mito permite inferir duas afirmações: a *primeira* que a falta configura-se como a mola mestra que impulsiona o sujeito a fazer investimento sem outros objetos; a *segunda* diz respeito ao fato de que operada uma divisão constitutiva sobre o sujeito jamais será possível unir-se a outra parte perdida. O resultado dessa operação de corte Lacan convencionou chamar em sua teoria de objeto *a*. Este conceito será aqui tomado, como o resto advindo da castração, instaurador da falta no sujeito, portanto, objeto causa de desejo. Isso implica dizer que o objeto enquanto falta é também a causa de desejo, posto que só se pode desejar quando existe a falta. Lacan (1998a), em seu texto *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura de personalidade* aponta que o objeto *a* é selecionado nos apêndices do corpo como indicativo do desejo, ou seja, o parceiro amoroso trata-se de um objeto restaurado no corpo do outro sexual. Laurent (2006) reitera que sob os auspícios de objeto *a*, seja ele oral, anal, escópico ou invocante, o sujeito tenta recuperar sua parte perdida no corpo do parceiro-sexual.

Interessa nesta construção teórica dizer que a posição de objeto *a* é justamente o lugar que Lacan confere a mulher no fantasma do desejo masculino, vindo a completar a parte faltante do sujeito. A mulher é objeto de fetiche de um homem: uma parte de seu corpo ou um acessório opera como causa de desejo, objeto *a*. Na dinâmica amorosa a mulher faz semblante⁵ e coloca-se como o objeto que falta ao outro. O homem ama a mulher na medida em que o significante do falo a determina como sendo o que dá no amor o que ela não tem. Lacan (1998b) em seu texto *A*

5

Trata-se de um recurso que busca produzir um parecer para lidar com o lado insuportável da desproporção entre os sexos. O semblante vem envelopar o vazio, fazendo crer que há o que, de fato, não há. Enfim, tem a função de velar o nada (MILLER, 2010).

significação do falo explica que a mulher para ser o falo resigna uma parcela considerável de sua feminilidade. E pelo que ela não é que ela espera ser desejada, e simultaneamente, amada.

Já a mulher busca na relação com o parceiro-sexual o falo. A escolha de seu objeto amoroso está baseada no *penisneid*⁶. Isto quer dizer que o homem eleito como seu parceiro será aquele que ela supõe possuir o falo. Lacan (1998b) amplia: o sujeito feminino localiza o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada.

As condições do amor em termos de *ser* e *ter* o falo como objeto do imaginário constitui a *primeira* formulação de Lacan sobre a parceira amorosa, elaborada nos anos sessenta. Santos (2009, p. 19) sintetiza que “na primeira formalização, a primazia e do significante que mortifica o gozo, deixando como resto o objeto *a*”. Observa-se que neste limiar ensino de Lacan sobre o laço amoroso heterossexual está em causa à castração dos parceiros e a estruturação dos sujeitos em torno do significante falo. Chama a atenção a forma fetichizada do amor masculino que entende a mulher como objeto *a* – causa do desejo de um homem.

Avante, na década de 1970, Lacan apresenta uma *segunda* formulação: apreende a mulher como sintoma do homem. Destaca-se que neste ensino a relação com o Outro será compreendida a partir do ser falante, melhor dizendo, do falasser. O sintoma é considerado em termos de significante. Laurent clarifica que:

A mudança de perspectiva que Lacan opera, consiste em apreender o significante não mais como mortificado, mas como agente de gozo. A partir desse ponto, o corpo não é mais pensado como mortificado pelo significante do qual o objeto *a* escapa, mas enquanto corpo que goza intensamente da ação do significante (LAURENT, 2006, p. 04).

A inversão que Lacan opera em seu ensino consiste em dizer que o sujeito barrado, mortificado pelo significante, necessita de um corpo vivo para ter acesso a libido, ao objeto causa do seu desejo. Neste caso, o corpo é investido de significantes (LAURENT, 2006). Portanto, a língua aparelha o sujeito para gozar do corpo através do sintoma.

Sendo assim, a formulação “a mulher enquanto sintoma do homem” deve ser compreendida a partir do *sinthoma*, o qual estabelece uma junção da significação e do gozo. Lacan estabelece uma diferença entre sintoma e *sinthoma*. O sintoma pode ser rapidamente definido com uma formação do inconsciente, sendo uma forma de satisfação substituta. Por outro lado, *sinthoma* é uma elaboração realizada por Lacan ao final de seu ensino referindo-se ao modo como o sujeito fará uma amarração entre os registros do Real, Simbólico e Imaginário, sob a forma de um nó. Trata-se daquilo que, ao final de uma análise, alcançou seu limite, sendo, portanto, o “incurável de cada um”. Assim, a grafia *sinthoma* é a recuperação de uma forma antiga de escrever sintoma em francês. De acordo com o tradutor do seminário XXIII (LAIA, 2007), *sinthome* é a grafia antiga para a palavra moderna *symptôme*, datada de 1503. Daí o fantasma passa a ser considerado como um modo de gozar. As sentenças “ser objeto do desejo” ou “sintoma” do homem significam a mesma coisa a partir do sentido gozado do objeto *a*. Na medida em que a mulher constitui-se como objeto causa de desejo para o homem, ela se aloja no seu fantasma como objeto de gozo dele. Neste contexto, quer como objeto *a*, quer como sintoma que o homem recupera no seu corpo ao preço do falo na relação sexual, a mulher localiza para o homem seu gozo fálico (MILLER, 1998 *apud* LAURENT, 2006). Destarte, o homem, ao fazer da mulher seu sintoma, transforma-a em seu objeto de gozo. Um gozo localizável e finito.

6

Expressão utilizada por Freud para dizer da inveja do pênis na menina no momento em que ela percebe a diferença anatômica dos sexos. Freud em seu texto a “Sexualidade feminina” afirma que a inveja do pênis é uma das condições preliminares para que a menina possa entrar na triangulação do complexo de Édipo e iniciar, a partir daí, seu caminho, com suas vicissitudes pós-ediípicas, em direção à feminilidade, ao reencontro de seu ser estruturalmente Outro e enigmático.

Em seu seminário *Mais, ainda*, Lacan (1985) esclarece que quando se trata da mulher, o gozo feminino não se inscreve todo na função fálica; transcende-a. Fala-se de um gozo suplementar. Isto implica que não há possibilidade do homem ser objeto de gozo de uma mulher, pois não existe um significante que a represente e delimite um modo feminino de gozar. Eis que esse gozo ilimitado é o que torna as mulheres freqüentemente sujeitas ao sofrimento no tocante ao amor. Assim, o parceiro de uma mulher pode ser um parceiro-devastação na medida em que falta a ela um significante que localize sua forma de gozar com um outro.

No enredo amoroso, Laurent (2006) explica ser necessário ao homem tocar no gozo feminino por meio de seu discurso. Santos (2009) acrescenta que a mulher precisa que o homem fale sobre o que ela é, para ele, como objeto *a*, visto que ela goza por intermédio da fala de amor do parceiro. Apenas, no campo do discurso amoroso, a mulher pode consentir em ser o objeto *a*, causa de desejo, para um homem.

Forçoso constatar, nesse ponto, que o cerne desta segunda formalização reside no fato da mulher ser um sintoma para um homem, isto é, seu meio de gozo. Entrementes, o mesmo não acontece com a mulher. Não há equivalência entre os sexos. Daí o aforismo lacaniano “Não há relação sexual” no sentido de que entre os sexos não há uma relação comum no nível do gozo devido à existência de um único significante – o falo – o que promove o desencontro entre os sexos. Como suplência da relação sexual que não existe surge o amor, o qual refunda uma parceria.

A terceira e última fórmula a ser explanada neste trabalho refere-se à fórmula do parceiro-sintoma. Designa-a que diante da inexistência da relação sexual, o sujeito faz parceria não no nível do significante, mas no nível do gozo. Isto significa que o Outro se torna sintoma do sujeito, ou seja, meio de gozo. Trata-se de uma parceria sintomática. Laurent afirma que “o parceiro-sintoma é a instância com a qual o sujeito está enlaçado de forma essencial. O sujeito não consegue suportá-lo, homestasiá-lo e, ao mesmo tempo, goza repetidamente” (LAURENT, 2006, p. 06).

Em suma, entende-se que um casal se une em vista do sintoma produzido pelo exílio da não-relação sexual. A teoria do parceiro sintoma aponta que o verdadeiro parceiro do sujeito é a sua forma de gozar. Nessa ótica, um casal seria “parceiros do gozo”. Dito isto, trata-se de entender no próximo tópico as parceiras amorosas que se fundam tendo como sintoma a violência doméstica contra a mulher.

2.2 Parceiros no Sintoma: Ele Bate, Ela Apanha

Partiremos, para efeitos de discussão em torno daquilo que pretendemos demonstrar, de determinadas constatações que podem ser vistas a partir da categoria lógica universal. Análises sociológicas (DANTAS, 2010; SANTOS, 2010; SILVA, 2011) apontam que a violência doméstica⁷ contra a mulher é um fenômeno global. Segundo a ONU (2006) a ameaça da violência incide sobre as mulheres dos cinco continentes, independente da classe social, etnia ou religião; embora o fenômeno tenha suas minúcias conforme o contexto em que ocorre (IBOPE/AVON, 2009).

No Brasil, particularmente, o tema tornou-se de modo recente pauta nas políticas públicas, cujo movimento resultou na aprovação da Lei 11.340 em 2006, a qual cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica contra a mulher. Conhecida como *Lei Maria da Penha* em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, mulher que viveu seis anos em situação de violência e tornou-se representante da luta contra a impunidade nestes casos depois de tornar-se paraplégica em 1983, devido a um tiro nas costas disparado por seu marido.

7

Conforme o Art. 5 da Lei 11.340/06 entende-se por violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial: I - no âmbito da unidade doméstica, compreendida como o espaço de convívio permanente de pessoas, com ou sem vínculo familiar, inclusive as esporadicamente agregadas; II - no âmbito da família, compreendida como a comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, por afinidade ou por vontade expressa; III - em qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independentemente de coabitação.

Com a promulgação desta lei, a violência doméstica e familiar contra a mulher deixou de ser vista como um crime de menor valor e passou a constituir-se como uma violação dos direitos humanos. Este pode acontecer sob várias formas, a saber:

I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;

II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;

III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;

IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;

V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (LEI 11.340/06, CAPÍTULO II, ART. 7).

Conforme pesquisa divulgada pelo DataSenado em 2007, de cada 100 brasileiras, 15 já foram ou ainda estão sendo submetidas a algum tipo de violência doméstica (IBOPE/AVON, 2009). Pesquisas realizadas recentemente (SPR, 2012; SPR, 2013) também apontam na mesma direção. Da pluralidade desses dados subtrai-se o caso de uma mulher.

É mister ressaltar, que conforme pesquisa realizada em agosto de 2010 pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o SESC (Serviço Social do Comércio), com uma amostra de 2.365 mulheres dispersas nas 25 unidades da federação revelou que uma em cada cinco mulheres consideram já ter sofrido ao menos uma vez algum tipo de violência por parte de um homem. Entretanto, diante de 20 modalidades de violência citadas, duas em cada cinco mulheres (40%) assumem já terem sofrido, ao menos uma vez na vida, algum tipo de violência. Entre as modalidades mais frequentes, 16% das mulheres já levaram tapas, empurrões ou foram sacudidas, 16% sofreram xingamentos e ofensas referidas a sua conduta sexual e 15% foram controladas a respeito de aonde iriam e com quem sairiam. Além de ameaças de surra (13%), uma em cada dez mulheres (10%) já foi de fato espancada, ao menos, em um episódio. Em todas as modalidades de violência o parceiro (marido ou namorado) é o responsável por mais 80% dos casos reportados, com exceção para os casos de violência sexual. A continuidade de vínculo marital é mais alta nos casos de violência psíquica, mas atinge 20% mesmo em casos de espancamento e mais de 30% frente a diferentes formas de controle e cerceamento.

Ana⁸, 28 anos de idade, dona-de-casa, mãe de dois filhos: um menino de 10 anos e uma menina de sete anos. Ela é casada há 11 anos, com um homem de 35 anos, servidor público da Prefeitura de uma cidade, onde presta serviço como motorista do Departamento Municipal de Saúde. Ana

8

Trata-se de um nome fictício a fim de manter a identidade da paciente preservada.

busca o serviço de acolhimento psicológico em um CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) orientada por sua amiga. Queixa-se que está nervosa, estressada. Explica que “xinga” muito. Aponta que está assim há muito tempo, não sabe exatamente desde quando. Exclama (sic): “qualquer coisa me estressa. Sofro muito. Minha vida é sofrimento”. Ao falar sobre o que a faz sofrer assinala que vive um casamento infeliz. O marido a agride física e psicologicamente quase todos os dias. Relata que ele chega em casa bêbado e a espanca. Quando brigam, tranca a casa e a coloca para dormir no “terreiro”. Costumeiramente quebra a mobília da casa e bate na sua cachorra para atingi-la, diz (sic): “Fico quebrada com isso”. Conta que desde que se casou isso acontece. Relata que o casamento ocorreu quando ela tinha 17 anos e o marido 25 anos. Aponta que seus familiares (o pai, o avô) se opuseram ao seu enlace conjugal. Avisaram-na: “Você vai sofrer [sic]. Comenta que a “fama” dos homens da família de seu marido era de homens mulherengos e que batiam em mulher. Explica que mesmo sabendo disso, pensou que o relacionamento seria diferente. Estava apaixonada e seu sonho era se casar. Diz-se arrependida por tê-lo feito. Conta que logo após o sacramento do seu matrimônio, o marido a traiu. “A festa tava acontecendo na roça, ele veio na rua trazer o pessoal de carro e ficou com outra mulher”. A propósito, situa seu conhecimento de casos extraconjugais do marido. Expõe que um dia o pegou na cama do casal com outra mulher. “Nenhum homem é santo, mas ele podia ser mais discreto. Me traiu na minha cama, comprada com o meu suor”[sic]. Pontua que tem ódio do marido e que sonha constantemente que está batendo nele e na sua amante. Aponta que o que sustenta essa parceria é o medo de não dar conta dos filhos; deles passarem necessidade. Localiza que a necessidade de seus filhos é de segurança. Quanto a sua, não sabe dizer qual. Exclama: “Ele (o marido) pode ter seus defeitos, mas não deixa faltar nada”[sic]. Na sequência, diz que tem medo de virar uma vagabunda tal como sua mãe. “Minha mãe não pode ver homem. Eu sou diferente. Sou casada com um homem”[sic]. Descreve que odeia sua mãe, que ela não presta, que vivia na zona, “mundo afora”. Fala que quando ela era criança a mãe maltratava-a, xingava-a, e a abandonou. Tem notícias que sua genitora tem uma vida promíscua. Semana passada soube que sua mãe disse : “Bem feito que ela tá sofrendo, que o marido tá batendo nela”[sic]. Explica que seus pais separaram-se quando ela tinha dois anos. A mãe foi morar em outra cidade e na ocasião ela ficou sob os cuidados do pai e avôs paternos. Recorda-se que na infância era espancada com frequência por uma tia. Quanto ao pai expõe que o seu relacionamento com ele é ótimo, superestima-o; e relata seu medo de perdê-lo. Conta que ele constituiu outra família e que ela gosta da madrasta e irmãos. Queixa-se que se sente angustiada por não saber o que quer da vida. Não sabe se quer largar o marido. Não sabe o que quer. “A verdade é que eu não sei sair desse sofrimento” [sic]. Queixa-se que se sente sozinha, que tem vontade de voltar a ser criança e que hoje não tem para onde correr. Na sequência, alega que não sabe se é o caso de correr. Depois exclama: “Não sei o que fazer. Nunca chego a lugar nenhum”[sic]. Chegou até aqui – realiza um corte a analista. Ela solicita que Ana volte ao CRAS para um novo encontro. Ana não retorna.

A partir do caso exposto, interpela-se: do ponto de vista psíquico o que mantém uma mulher em uma parceria amorosa em que é vítima de violência doméstica? Quais os aspectos subjetivos envolvidos em uma parceira sintomática, na qual está posta à violência física e psicológica contra a mulher?

Na tentativa de elucidar as questões levantadas retoma-se Freud no ponto concernente as suas articulações teóricas sobre a posição subjetiva feminina, lançando luz sobre o fenômeno do masoquismo. Esse termo é utilizado pela primeira vez em seu texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (FREUD, 1996 [1905]). Nele o autor explica que adotou a designação “masoquismo” cunhada pelo psiquiatra Krafft-Ebing como indicativo do prazer obtido em qualquer forma de sujeição ou aviltamento.

Destaca-se que Freud retira o masoquismo do âmbito das patologias perversas e o situa como componente universal da sexualidade humana, explorando a existência dos pares de opostos sadismo-masoquismo presentes no desenvolvimento e nas formas de gratificação sexual.

Ainda citando o autor, esclarece-se que o sadismo corresponde desde uma atitude ativa ou mesmo violenta dirigida ao objeto sexual, até uma satisfação condicionada exclusivamente pelos maus-tratos e sujeições a ele infligidos (FREUD, 1996 [1905]). Neste último caso, diz-se de uma perversão. Já o masoquismo abrange todas as formas passivas diante da vida e do objeto sexual, sendo seu cume a obtenção de satisfação em condições em que esteja colocada o padecimento de dor física ou anímica advinda do objeto sexual. Adiante, Freud atesta que o masoquismo seria uma extensão do sadismo que retorna contra a própria pessoa, tendo como efeito o fato dela assumir o lugar do objeto sexual. Nesses primeiros esboços sobre o assunto, Freud relaciona a presença do sadismo-masoquismo com a oposição entre ativo e passivo.

Avante, em 1919, Freud publica o trabalho “Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais”. Aclara, a princípio, a frequência com que esta fantasia infantil acomete os neuróticos e os sentimentos de prazer relacionados a ela. Referindo-se à análise desta fantasia em meninas, alude que em determinada fase, o agressor é reconhecidamente o pai, e a agredida, a criança que produz a fantasia. Trata-se de uma fantasia acompanhada por um alto grau de prazer e que revela um conteúdo significativamente masoquista.

De forma simplória, pode-se dizer que “ser espancada” revela o amor sexual da menina pelo pai e o subsequente castigo por esta relação incestuosa, sendo a fantasia um substituto regressivo desta relação. Freud acrescenta que essa tendência libidinal passiva é comumente percebida nas mulheres. Esta idéia é reforçada em seu artigo “O problema econômico do masoquismo”(1996 [1924a]), no qual Freud apresenta-o em três formas fenomênicas: um masoquismo erógeno; cujo prazer é extraído do sofrimento e jazem ao fundo as duas outras formas; um masoquismo moral; identificado como um sentimento de culpa inconsciente; e por fim, um masoquismo feminino, o qual se apreenderá uma análise pormenorizada.

Freud destaca que as fantasias masoquistas – ser rebaixado, maltratado, forçado a obediência incondicional, dentre outras – indicam que o masoquista deseja ser tratado como uma criança abandonada e, sobretudo, travessa. E mais, ao assumir uma atitude masoquista, o sujeito seja homem ou mulher, situa-se numa posição caracteristicamente feminina, cujas fantasias masoquistas significam ser castrado, copulado ou dar a luz a um bebê. Freud justifica-se na seguinte passagem:

Por esta razão chamei essa forma de masoquismo, a *potiori* por assim dizer [isto é, com base em seus exemplos extremos], de forma feminina, embora tantas de suas características apontem para a vida infantil. Essa estratificação superposta do infantil e do feminino encontrará posteriormente uma explicação simples. Ser castrado – ou ser cegado, que o representa – com frequência deixa um traço negativo de si próprio nas fantasias, na condição de que nenhum dano deve ocorrer precisamente aos órgãos genitais ou aos olhos (FREUD, 1996 [1924a, p. 180]).

As práticas discursivas da psicanálise nesta obra não tratam de explicar o que seriam esses traços negativos. Especulação criou-se em torno do termo e controvérsias no tocante a vinculação entre o feminino e o masoquismo. Apenas, em 1931, em sua conferência intitulada “Feminilidade” Freud retoma o assunto e explica que a supressão da agressividade nas mulheres, imposta pelo social e instituída em seu psiquismo colabora

para o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que se ligam de forma erótica as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Desse modo, o masoquismo é verdadeiramente feminino, entretanto, isso não impede que haja homens masoquistas, os quais revelam evidentes traços subjetivos femininos.

Portanto, Freud (1996 [1924a]) assevera que o masoquismo é feminino. Revendo-se, o autor, afirma-se que o masoquismo feminino baseia-se no masoquismo erógeno. Trata-se, assim, de uma experiência de prazer na dor, no sofrimento. Esse autor coloca que o masoquismo primário ou erógeno, de onde são derivados os dois outros: masoquismo feminino e masoquismo moral. É onde apresenta o masoquismo sobre três formas - como moção imposta à excitação sexual, como expressão do ser da mulher, e como norma de comportamento na existência.

Em Lacan, mais precisamente em seu texto "Diretrizes para um congresso sobre sexualidade feminina" (1998c) encontra-se uma crítica feroz à hipótese de haver um masoquismo da mulher. Instiga-o: "Será que podemos nos fiar no que a perversão deve à invenção masculina, para concluir que o masoquismo da mulher é uma fantasia do desejo do homem?" (LACAN, 1998c, p. 740). Sugere-o que o masoquismo feminino apresenta-se como uma máscara para capturar o desejo masculino. Ou seja, que a mulher em seu anseio de despertar o desejo masculino mascara-se com um suposto masoquismo para apreender o homem em sua fantasia fetichista.

Nesta perspectiva, é forçoso constatar que a mulher, ao consentir em ser o objeto *a*, objeto causa de desejo de um homem, assume uma posição masoquista, haja vista que se encarna como objeto na cena com seu parceiro. Avançando-se em torno desse arcabouço teórico, cabe pensar na conjunção entre o masoquismo e o gozo femininos. Lacan (1985), em seu seminário XX, aponta que é sob o imperativo do Outro que funciona o aparelho do gozo. Em relação ao homem esse Outro se torna um outro, uma mulher qualquer. Da parte de uma mulher, ela é um objeto subserviente ao gozo fálico na fantasia masculina. Daí, o masoquismo ser feminino.

Considerando as elaborações teóricas delineadas, convém dizer que Ana, personagem central, antes apresentada, situa-se numa posição que, a nosso ver, parece ser uma posição masoquista. Em seu discurso, aponta as agressões físicas e insultos que sofre por parte de seu marido, as quais são recorrentes e que se naturalizaram ao longo de onze anos de união. Observa-se que na cena amorosa, Ana consente em ser objeto *a*, causa de desejo, ao encarnar uma posição servil diante de seu parceiro, cujo ápice reside em ser espancada por ele quase diariamente. Dessa forma, ela se aloja em seu fantasma como objeto de gozo dele. É ela, a mulher, mascarada com um masoquismo, que dá conta de localizar o gozo fálico do marido. E ele ao fazer dela seu sintoma, transforma-a em seu objeto de gozo. De sua parte, não há como situar e delimitar o modo de gozar feminino, pois a mulher não se inscreve toda na função fálica. Por isso, o parceiro de uma mulher pode ser um parceiro-devastação na medida em que falta a ela um significante que localize sua forma de gozar com um outro, o que justifica os habituais dissabores femininos no tocante ao amor. Ana nos dá prova disso. Nota-se que é justamente no nível do gozo que se funda uma parceria sintomática, a qual desvenda um casal como parceiros no modo de gozar, seja ele batendo, seja ela apanhando.

Não obstante, no caso citado percebe-se que a triangulação edípica está colocada em cena. Ana relata seu rechaço a mãe, queixando-se de seus maus-tratos, injúrias e abandono, e, devota um amor ao pai. Lembra-se em Freud (1996 [1924b]) que a experiência de amor normal revela-se como uma repetição: substituem-se objetos que façam semblante ao objeto perdido. Conforme já explicado, a mãe é eleita como o primeiro objeto de amor de uma menina e de um menino. Para este permanece o sendo. Já, a menina muda de objeto e desloca seu amor para o pai. Entretanto, a

singularidade do caso mostra que Ana, não por acaso, escolhe um parceiro amoroso que reproduz as atitudes de sua genitora para com ela. Especula-se: teria Ana permanecido identificada a sua mãe⁹? Ou a enunciação do pai e do pai do pai colocaram Ana nessa posição de sofrimento? Sabemos dos efeitos do significante sobre os corpos e, por isso, podemos levantar tal hipótese. Será que o amor de Ana surge enquanto uma repetição do amor devotado ao par parental, sem desprender um esforço de invenção na sua história? Perguntas que Ana pode falar sobre, num trabalho de construção em análise. Quem sabe um dia ela volte para um segundo encontro.

3. Conclusão

O percurso trilhado e o esforço despendido na compreensão do objeto de estudo – a violência doméstica contra a mulher – autoriza neste instante, a tecer algumas considerações sobre o tema. A começar, retoma-se o objetivo principal desse trabalho, seja elucidar o laço amoroso com o parceiro sexual na relação heterossexual, em que a mulher é vítima de violência doméstica. Considera-se que esse objetivo foi cumprido, haja vista que o arcabouço teórico construído, permite afirmar a partir das fórmulas de sexuação elaboradas por Lacan que a parceria de um casal – o homem agressor e a mulher agredida – se faz ao nível do gozo. A mulher ao consentir em ser o objeto *a*, objeto causa de desejo de um homem, assume uma posição masoquista, para apreendê-lo em sua fantasia fetichista. Ela torna-se um objeto subserviente ao gozo fálico na fantasia masculina. O homem, por sua vez, ao fazer da mulher seu sintoma, transforma-a em seu objeto de gozo. Um gozo localizável e finito. Já, o gozo feminino por não se inscrever todo na função fálica remete a impossibilidade do homem ser objeto de gozo de uma mulher, uma vez que não existe um significante que a represente e delimite um modo feminino de gozar. Eis que esse gozo ilimitado é o que torna as mulheres tão vulneráveis ao sofrimento no cenário amoroso, sendo que seu parceiro pode ser um parceiro-devastação, tal como o caso exposto ilustra, haja vista que Ana coloca-se numa posição de ser devastada por seu parceiro, indicando que o masoquismo, neste caso, é feminino.

Como pode-se ver no fragmento de caso supracitado, a violência contra a mulher possui muitas facetas, embora nenhuma delas justifique o grau de abuso pelas quais muitas são colocadas. Entretanto, num “para-além” da leitura sociológica do tema, é oportuno realizar a leitura do fenômeno a partir de certas particularidades que cada caso nos permite construir. Desse modo, é a partir da crença na existência do inconsciente enquanto um elemento fundante das escolhas amorosas é que isso é possível ser feito. É assim que os fragmentos colhidos na clínica permitem a psicanálise avançar e dar sua contribuição na discussão de tão importante problemática social.

Sobre o artigo

Recebido: 16/04/2014

Aceito: 19/06/2014

9

Pontua-se que essa discussão será retomada em outro momento lançando foco sobre a ambivalência amor-ódio que sente a menina contra a mãe. Esta se apresenta aquela como objeto de amor (Um Outro) e como pólo de identificação (um outro). Para a menina a identificação com a mãe parece ser a condição pela qual seria possível não mais amá-la. No caso clínico, ao que parece, trata-se de uma identificação de Ana à mãe. O leitor interessado poderá obter maiores esclarecimentos sobre o assunto consultando a bibliografia: ANDRÉ, Serge. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p.170-187.

Referências bibliográficas

- DANTAS, G. O. Análise sociológica de casos de violência contra a mulher no Ceará a partir da perspectiva da lei Maria da Penha. In: XI CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. **Anais do XI congresso luso-afro-brasileiro de ciências sociais**. Salvador, 07 a 11 de agosto de 2011.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: FREUD, S. **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. VII, p.180-195.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. (1914). In: FREUD, S. **Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIV, p. 149-151.
- FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I) (1910). In: FREUD, S. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XI, p. 167-180.
- FREUD, S. Sobre a tendência universal a depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II) (1912). In: FREUD, S. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XI, p. 180-195.
- FREUD, S. Conferência XXXIII Feminilidade (1933). In: FREUD, S. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXII, p. 113-134.
- FREUD, S. O problema econômico do masoquismo (1924a). In: FREUD, S. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX, p. 175-188.
- FREUD, S. 'Uma criança é espancada': uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. (1924b). In: FREUD, S. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVII, p. 193-218.
- FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo (1924c). In: FREUD, S. **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX, p. 189-199.
- FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO; SESC. **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**. 2010. Disponível em: <<http://www.fpa.org.br/sites/default/files/pesquisaintegra.pdf>>. Acesso em 18 jun. 2011.
- PLATÃO. **O banquete**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- LACAN, J. Deus e o gozo d'A Mulher. In: **O Seminário, livro 20, mais ainda**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985, p. 87-104.
- LACAN, J. **Seminário 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1963/4). Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990, p. 57-71.
- LACAN, J. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade". In: **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998a, p. 653-691.
- LACAN, J. A significação do falo. In: **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998b, p. 692-703.
- LACAN, J. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina. In: **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998c, p. 734-745.
- LAURENT, D. O sujeito e seus parceiros libidinais: do fantasma ao sinthoma. **Revista eletrônica do núcleo Sephora**. Ano 1, n. 02, 2006. Disponível em:

<http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_o2traducao.htm>. Acesso em: 26 abr. 2010.

LIMA, G. Q.; WERLANG, B. S. G.. Mulheres que sofrem violência doméstica: contribuições da psicanálise. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 16, n. 4, p. 511-520, 2011 .

MILLER, J. A. Mulheres e semblantes II. **Opção Lacaniana online nova série**. Ano 1, número 1, p. 1-27março 2010, ISSN 2177-2673. Disponível em:

<http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_II.pdf>. Acesso em 15 jul. 2010.

SANTOS, C. M.; IZUMINO, W. P. **Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero**: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. Disponível em <<http://www.nevusp.org/downloads/down083.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 10.

SOUZA, T. P. S. O lugar do desejo feminino frente à violência. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 33, n. 62, p. 85-91, set. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17 jun. 2014.

SPM – Secretaria para mulheres da Presidência da República. **Violência contra a mulher**. 2012, 2013.